



Filmes do Arquivo do  
Instituto Nacional de  
Audiovisual e Cinema

1

O TEMPO  
DOS  
LEOPARDOS

**O Mundo em Imagens**



**Deutsche Fassung siehe Seite 7**  
**English version see page 11**

O *Mundo em Imagens – Filmes do Arquivo do INAC* resulta de uma colaboração entre a Universidade de Bayreuth, a Universidade Eduardo Mondlane e o ICMA. O arquivo do Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema (INAC) integra no seu espólio um conjunto de filmes de 1976 a 1992, verdadeiros testemunhos históricos dos primeiros anos da Independência e da Guerra de Desestabilização em Moçambique. De modo particular, os jornais de actualidades intitulados *Kuxa Kanema* acompanharam os acontecimentos da época, tornando-se assim fontes insubstituíveis para a história de Moçambique e testemunho dos movimentos de libertação na história do continente africano e no mundo. Para além dos *Kuxa Kanema*, este arquivo conserva numerosos documentários e um pequeno número de longas metragens.

Após as primeiras séries do *Kuxa Kanema* terem sido lançadas durante uma apresentação pública no INAC, em Setembro de 2012, os pedidos para a sua projecção por escolas e centros culturais de Moçambique, assim como por investigadores e instituições culturais de todo o mundo (Canadá, Brasil, França, Portugal, Reino Unido, África do Sul, Senegal, etc) têm aumentado de modo constante.

Este interesse generalizado motivou a equipa responsável pela sua edição a dar continuidade ao projeto. Neste DVD encontra-se a longa metragem *O Tempo dos Leopardos*, realizada em parceria com a antiga Jugoslávia em 1985. Esta obra foi a segunda produção cinematográfica do INAC, seguindo-se ao filme *Mueda – memória e massacre*, realizado por Ruy Guerra e incluído na edição de 2012 desta série. A segunda caixa com dois DVDs desta edição inclui os episódios de 20 minutos dos *Kuxa Kanema* da primeira fase, até ao final da década de 1970, e a sua continuação, com os episódios 13 a 30.

Deste modo, estes dois DVD constituem uma continuação cronológica da história deste arquivo audiovisual. Esta edição integra textos de introdução e legendas traduzidos para inglês e alemão, permitindo a sua divulgação junto de um público mais vasto.

Desejamos agradecer a todos os envolvidos nesta parceria. O nosso agradecimento especial ao programa «Kulturerhalt» (Preservação Cultural) do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão que possibilitou este trabalho, assim como à Embaixada da Alemanha em Maputo pelo seu contínuo apoio.

*Bayreuth/Maputo, Novembro do 2013*

*Djalma Lourenço, INAC*  
*Ute Fendler, Universidade de Bayreuth*  
*Birgit Plank-Mucavele, ICMA*

## O Tempo dos Leopardos

**E**m 1975, à data da Independência de Moçambique, os produtores e técnicos portugueses que detinham na totalidade a produção de cinema em Moçambique, abandonaram o País. O novo governo saído da proclamação da Independência viu-se obrigado a um esforço para que não fosse deixado um vazio na área do Cinema, já que era imperativo o recurso à imagem em movimento, para informar o povo sobre os nobres princípios da Independência, a necessidade de todos os moçambicanos sem qualquer distinção de raça, tribo ou etnia se unirem em torno destes ideais. Recorde-se que a Televisão só aparece em Moçambique, e apenas na capital do país, em 1980.

É então criado o Instituto Nacional de Cinema que iria dedicar-se à Formação, Produção, Distribuição e Exibição, tendo como principal vector a Formação de quadros moçambicanos para assegurar uma produção contínua de Jornais de Actualidades (news reel) que pudessem ser distribuídos por todas as salas convencionais e não convencionais de cinema do país e pelas unidades de cinema móvel, que entretanto haviam sido criadas para levar, através da imagem em movimento, às aldeias mais recônditas do país esta mensagem de independência, de unidade de todos os moçambicanos em volta da sua bandeira e iniciar um processo de desenvolvimento para o qual todos eram chamados a contribuir.

Inicia-se então a selecção de moçambicanos para serem localmente formados por produtores, realizadores e técnicos de cinema vindos de vários lugares do mundo (britânicos, franceses, canadianos, brasileiros, italianos, suecos, cubanos ...).

Paralelamente o Instituto Nacional de Cinema constrói os seus laboratórios e apetrecha-se com equipamentos, na altura considerados de ponta para que os seus formandos estivessem em contacto com as melhores tecnologias da produção de Cinema.

Adoptou-se então a política de formar enquanto se iam produzindo os primeiros Jornais de Actualidade. Surge assim o *Kuxa Kanema (O Nascer do Cinema)* que, apesar de não ser ainda regular, enchia as salas de espectadores em todo o País.

Em 1978 é realizado o primeiro documentário de média-metragem *Estas São as Armas*, totalmente produzido nos laboratórios do Instituto Nacional de Cinema e com técnicos moçambicanos apoiados pelos seus formadores estrangeiros.

No mesmo ano o realizador moçambicano-brasileiro Ruy Guerra, realiza em Mueda no norte de Moçambique o docudrama, longa-metragem *Mueda – memória e massacre*, também com uma equipa moçambicana.

Estão assim dados os primeiros passos para uma produção regular de documentários e do *Kuxa Kanema*, o que vem a acontecer em 1983. Este Jornal passa a ter uma regularidade semanal de 10 minutos e apresentado aos Sábados em todas as salas do País. Assim, a produção do INC passa para 20 horas anuais de documentários e *Kuxa Kanemas*, projectados nas telas do País inteiro. Estava, deste modo, consolidada a produção documental sob um ponto de vista técnico, mas ainda carecendo de uma discussão estética do que seria esse documentário moçambicano. É, durante essas discussões sobre a estética que surgem no *Kuxa Kanema* alguns realizadores utili-

zando o docudrama, mesmo em situações de guerra. Naturalmente o documentário inicia um processo de evolução por esse estilo ainda que outros realizadores, como José Cardoso (o único no INC com grande experiência na ficção dada a sua proveniência do cinema amador), insistissem na necessidade de se avançar pela linha da ficção pura, esboçando os primeiros passos nessa direcção, como é o caso da curta-metragem *Frutos da nossa colheita*, por ele realizada em 1984.

Nessa altura, a escola de documentário no INC, era já um dado praticamente adquirido. Jovens que erámos, queríamos avançar para outros voos. Mas a aprendizagem técnica que até então tínhamos cingia-se ao documentário.

Durante os vários debates, e porque existiam inúmeras histórias, ainda recentes – umas ligadas à Luta Armada de Libertação Nacional, outras ligadas às guerras movidas contra Moçambique pelos regimes do apartheid de Ian Smith e da África do Sul – a abordagem passou a incluir aquilo que seriam as primeiras experiências de cinema de ficção moçambicano. Iniciou-se então um debate sobre a possibilidade de iniciarmos a produção de filmes de ficção no Instituto Nacional de Cinema. Os jovens escritores não paravam de escrever histórias belíssimas sobre o dia-a-dia e nós, fazedores de cinema tínhamos a obrigação de passá-las para a tela.

Mas como fazer se não tínhamos formação técnica para a ficção? Como criar a história, passá-la para o roteiro fílmico, e principalmente como tratar todos os aspectos técnicos envolvidos (realização, fotografia, câmara, som, laboratório, cenografia, figurinos, casting, guarda roupa, efeitos especiais e produção executiva e no terreno)?

Porque a vontade de passar para outro estágio da nossa produção nacional e também porque havia alguns imperativos nacionais para começarmos a apresentar as nossas Histórias, o Ministério da Informação e o Instituto Nacional de Cinema decidiram fazer uma aproximação com a Jugoslávia, que durante a Luta de Libertação Nacional tinha realizado dois documentários (*Nachingwea* e *Do Rovuma ao Maputo* do documentarista Jugoslavo Dragutin Popovic), para a produção do primeiro filme de ficção pós-Independência. O Ministério da Informação de Moçambique e o Ministério da Cultura da Jugoslávia, aceitaram então coproduzir uma primeira longa-metragem de ficção, tendo indicado a parte Jugoslávia a produtora AVALA Film e Moçambique, o INC.

A história do filme seria um ou vários episódios da Luta de Libertação de Moçambique. A Avala Film indicou como roteirista e realizador Zdravco Velimirović e o INC Luís Carlos Patraquim e Licínio Azevedo que se ocupariam do guião. Licínio, já havia publicado o livro «Os Relatos do Povo Armado», sobre episódios da luta contados por guerrilheiros. Guionistas e realizador encontraram-se em Belgrado e iniciaram a escrita do guião com bastantes dificuldades a princípio, pois partiam de diferentes pontos de vista.

Terminada esta fase, foi montada uma grande equipa de produção envolvendo jugoslavos e moçambicanos, iniciando-se todo o trabalho de busca de locações, criação de figurinos e casting. Moçambique não tinha na altura qualquer actor profissional



de cinema. Foi necessário buscá-los em grupos de teatro de algumas empresas públicas e em pequenos grupos de teatro amador que começavam a emergir.

Todo este processo foi iniciado num momento em que Moçambique atravessava uma guerra civil feroz e onde havia restrições a todos os níveis (água, comida, fornecimento de energia eléctrica, transportes, combustíveis) e outros elementos básicos para a produção de um filme desta envergadura. Dada a dificuldade de encontrar locais fora da cidade que oferecessem condições de segurança e logística na situação de guerra generalizada que o país vivia, optámos por filmar grande parte do filme na Ilha da Inhaka (três meses), e na Ilha da Xefina (um mês), já que estas se situavam em frente à cidade de Maputo, com acesso por via marítima.

Foi um processo interessante de formação e aprendizagem pois íamos descobrindo que nós, moçambicanos, afinal tínhamos muito mais a dizer na produção cinematográfica, do que nós próprios imaginávamos. Lembro-me que a Engenheira de som de origem polaca que tinha como assistente um moçambicano, se despediu do filme dez dias depois, por considerar que o seu assistente era melhor conhecedor do que ela dos equipamentos que estavam a ser utilizados e que portanto, ela não traria qualquer mais-valia ao filme.



Terminámos as filmagens em Moçambique no dia 24 de Dezembro de 1984 e em Janeiro de 1985 iniciou-se em Belgrado o processo de edição do filme, com a presença também de técnicos moçambicanos: Camilo de Sousa (assistente de realização e realizador da 2ª equipa), Henrique Caldeira (assistente de montagem) e Gabriel Mondlane (assistente de som). O filme foi

estreado em Maputo a 25 de Junho de 1985 (dia da Independência) com a presença do Presidente Samora Machel.

Havia terminado um ciclo da nossa vida de Cineastas Moçambicanos: tínhamos feito com os Jugoslavos esse filme épico da Luta de Libertação Nacional. Tínhamos aprendido e até, em alguns momentos desaprendido com os outros, mas queríamos fazer os nossos filmes, à nossa maneira, sem mais ninguém: havíamos conquistado a nossa Independência, também no Cinema.

É então que José Cardoso, aparece com a sua proposta, já em guião de fazermos um filme sobre a resistência ao sistema colonial, na perspectiva dos jovens nacionalistas vivendo nas cidades colonizadas. Sugerimos então, o envolvimento de todos os técnicos que haviam trabalhado no filme *O Tempo dos Leopardos*, para fazermos com o José Cardoso o seu primeiro filme, a primeira longa-metragem de ficção moçambicana. E juntos, conseguimos um bonito filme, um filme de que até hoje nos orgulhamos, o primeiro filme totalmente moçambicano: *O Vento Sopra do Norte*.

Tudo isso partiu, da sensação de Independência, que ganhámos ao fazer *O Tempo dos Leopardos*.

*Camilo de Sousa*

**V**iews from the World – Images from the Archive of INAC is a cooperation between the University of Bayreuth, the Universidade Eduardo Mondlane and ICMA. The archive of the Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema (INAC) is harbouring film material from the years 1976 to 1992, and thus historical testimonies from the years of independence and the “Guerra de Desestabilização” in Mozambique. Particularly the newsreel *Kuxa Kanema* covered current affairs and thus they represent irreplaceable historical sources for Mozambique’s national history and beyond, as it serves as witness for the epoch of the movements of liberation in the history of Africa and the world. Besides *Kuxa Kanema* the archive holds numerous documentaries and a small number of feature films.

After the first digitalized episodes of *Kuxa Kanema* had been launched at a public presentation at INAC in September 2012, the demand for projections in schools and cultural centres in Mozambique, but also by researchers and cultural institutions all over the world (Canada, Brazil, USA, France, Portugal, Great Britain, South Africa, Senegal, etc) has increased steadily.

The great demand encouraged the editors in continuing their work. On this DVD there is presented the feature film *O Tempo dos Leopardos*, result of a Mozambican-Yugoslavian cooperation from 1985, which is the second movie produced by the INC after Ruy Guerra’s film *Mueda – memória e massacre*, which had been published in the *Views of the World* in 2012.

The double DVD which is published at the same time as the *O Tempo dos Leopardos*, presents the *Kuxa Kanema* episodes of 20 minutes from the first phase at the end of the 1970s, as well as the sequel to the newsreel’s episodes of the first DVD *Views of the World*, launched in 2012, with now the *Kuxa Kanema* episodes 13 to 30. Thus these two DVDs continue chronologically the history of the film material. With accompanying texts and subtitles in English and German the material again is being made accessible to the general public.

At this point we would like to thank all involved for the good cooperation. Our special thanks go to the programme “Kulturerhalt” (Preserving culture) of the Federal Foreign Office which essentially enabled this work to be realized, and to the German Embassy Maputo for the ongoing support.

*Bayreuth/Maputo, August 2012*

*Lourenço Djalma, INAC  
Ute Fendler, University of Bayreuth  
Birgit Plank-Mucavele, ICMA*

## The Time of Leopards

**I**n 1975, at the time of Mozambique's Independence, the Portuguese producers and technicians, representing the totality of the film production in Mozambique, left the country. The new government, originating in the proclamation of independence, felt obliged not to leave the field of cinema vacant, since the use of moving images was imperative to inform the people about the noble principles of independence and the need for all Mozambicans to gather around those ideals without any racial, tribal or ethnic distinction. We have to remember that television only emerged in Mozambique, and restricted to the country's capital, in 1980.

At that time the "Instituto Nacional de Cinema" (INC) or "National Film Institute" was established which attended to the training, production, distribution and exhibition. Its main scope was the training of Mozambican staff to assure a continuous production of newsreels. These were intended to be distributed across all the conventional and unconventional cinemas in the country and by mobile cinema units, which had been created by then to bring to the most remote villages, by the means of moving images, this message of independence, of the unity of all Mozambicans under the national flag, and the beginning of a development process to which all were called to contribute.



Then, a selection of Mozambicans started to be locally trained by producers, directors and film technicians who came from various countries around the world (British, French, Canadians, Brazilians, Italians, Swedish, Cubans ...).

Simultaneously, the INC built its own laboratories, supplied with state of the art equipment, so trainees could be in contact with the

best film production technologies of the time.

Embracing a policy of training by then the first newsreels were produced. *Kuxa Kanema (The Birth of Cinema)* thus began, packing up cinemas all across the country, although still not issued on a regular basis.

In 1978 the first feature documentary *These are the Weapons* was released, completely produced in the National Film Institute's facilities and with Mozambican technicians supported by their foreign trainers.

In the same year the Brazilian-Mozambican director Ruy Guerra filmed in Mueda, in the North of the country, the docudrama *Mueda – Remembrance and Massacre*, also with a Mozambican team.

Thus the first steps were taken towards a regular production of documentaries and of *Kuxa Kanema*, which started to happen in 1981. This newsreel became a 10 minutes weekly edition, screened every Saturday in the cinemas all over Mozambique. Consequently, the INC production reached 20 annual hours of documentaries and *Kuxa Kanema*, projected on the screens of the whole country. This way a documental production was consolidated from a technical point of view, however asking for an



aesthetic discussion about what the Mozambican documentary should be like. It was during these discussions about aesthetics arising of *Kuxa Kanema* that some directors started to use a docudrama language, even in situations of war. Naturally, the documentary developed in this style, even if other directors, such as José Cardoso (the only one at the INC with a vast experience in fiction, coming from amateur cinema), insisted on the need to move towards fiction, sketching the first steps in this direction with his short film *Fruits of Our Harvest*, realized in 1984.

In those days, a documentary school of the INC was already a practically acquired reality. Young as we were, we aspired for higher things. But the technical education we had was restricted to documentary.

During several debates, and because there were endless, still recent stories – some linked to the Armed Struggle for the National Liberation, others linked to the war against Mozambique by the apartheid regimes of Ian Smith and South Africa – we tended to approach what would become the first experiences of Mozambican fiction cinema. A debate began on the possibilities of initiating the production of fiction movies at the National Film Institute. The young authors kept on writing wonderful stories about daily life and we, the filmmakers, had the obligation to bring them to screen.



But, how to do it without technical training for fiction films? How to create the story, turn it into a film script and, mainly, how to deal with all the technical issues involved (direction, photography, camera, sound, laboratory, scenery, costumes, casting, special effects, executive and field production)?

Due to the will of bringing the national film production to a different level, and because there were some national imperatives on presenting our history, the Ministry of Information and the National Film Institute decided to contact Yugoslavia for the production of the first post-independence fiction film. During the National Liberation Struggle the Yugoslavian documentarist Dragutin Popovic had directed the documentaries *Nachingwea* (1976) and *From Rovuma to Maputo* (1976). The Mozambican Ministry of Information and the Yugoslavian Ministry of Culture accepted to co-produce a first fiction feature film. For the Yugoslavian part the production company AVALA Film was chosen, and Mozambique appointed the INC.

The story of the film should be one or several episodes of Mozambique's Liberation Struggle. The AVALA Film chose Zdravco Velimirović as screenwriter and director, and the INC appointed Luís Carlos Patraquim and Licínio Azevedo to work on the screenplay. Licínio had already published the book *Stories of the Armed People*, based on episodes of the struggle told by guerilla soldiers. Scriptwriters and director met in Belgrade and set out to write the screenplay. At the beginning with great difficulties, since they started from different perspectives.

This stage being completed, a big production team was gathered, involving Yugoslavians and Mozambicans, starting all the tasks of scouting, costume design and

casting. At that time in Mozambique there wasn't one single professional film actor. It was necessary to search for actors in theatre groups of state owned companies, and in small emerge amateur theatre companies.



All this process was initiated at a moment when Mozambique was going through a ferocious "guerra de desestabilização" and when there were all sorts of restrictions: water, food, electricity, transport, fuel, and other essential resources for a film production of such a dimension. Due to the difficulty of finding locations with the demanded security and best conditions among the wide spread warfare the country experienced, we opted to film most of the movie on Inhaka island (during three months) and on the Xefina island (for one month), both islands being located in front of the city of Maputo, with maritime access.

It was an interesting process of training and learning, since we discovered that us Mozambicans, had, after all, much more to say in film production than we had ever imagined. I remember that the Polish sound engineer, who had a Mozambican assistant, left the team ten days after we had started filming, stating that her assistant was more acquainted with the equipment used and, therefore, she wouldn't bring any additional benefit for filming.

We finished filming in Mozambique on December 24<sup>th</sup> of 1984, and in January of 1985 started the editing, in Belgrade, also in the presence of Mozambican technicians: Camilo de Sousa (direction assistant and director of the second team), Henrique Caldeira (editing assistant) and Gabriel Mondlane (sound assistant). The movie premiered in Maputo on June 25<sup>th</sup> of 1985 (Day of the Independence) in the presence of President Samora Machel.

A stage of our lives as Mozambican filmmakers had finished: with the Yugoslavians we had made an epic film about the National Liberation Struggle. We had learnt and, in some moments, unlearnt with our colleagues, but we wanted to make our films, in our own way, without anyone else: we had achieved independence, also in the realm of cinema.

And that was when José Cardoso showed up with a proposal, already a screenplay, for a movie about the resistance against the colonial system, from the perspective of young nationalists living in colonized cities. We then suggested the involvement of all technicians that had previously worked on *The Time of Leopards*, to work with José Cardoso on his first film, the first Mozambican feature film. And, together, we managed to make a beautiful movie which we are still proud of, the first completely Mozambican film: *O Vento sopra do Norte (The Wind blows from the North)*.

All this originated in the feeling of independence we gained in the making of *The Time of Leopards*.

*Camilo de Sousa*



# Bilderwelten

Filme aus dem Archiv des INAC (Maputo, Mosambik)

# Views of the World

Films from the Archive of INAC (Maputo, Mozambique)



## O Tempo dos Leopardos

Die Zeit der Leoparden · The Time of Leopards

Moçambique/Jugoslávia, 1985, 91 Min.

Instituto Nacional de Cinema – Maputo

Avala Films – Belgrad

Realização/Regie/Director: Zdravko Velimirović  
Roteiro/Drehbuch/Screenplay: Luís Patraquim  
Braná Šćepanović  
Zdravko Velimirović

Director de Fotografia/Kamera/  
Director of Photography: Duško Ninkov  
Compositor/Musik/Music: Kornell Kovach  
Montador/Schnitt/Editor: Marko Babac  
Captação de Som/Ton/Sound: Hanna Preuss  
Gabriel Mondlane

Produção Executiva/  
Produzent/Executive Producer: Mihajlo Rašić  
Luís Simão  
Actores/Darsteller/Starring: Santos Mulungo  
Ana Magaia  
Simião Mazuse  
Marcelino Alves  
Armando Loja



INSTITUTO NACIONAL DE AUDIOVISUAL E CINEMA



www.arcadia-film.de



COLETRIC-ZENTRUM  
KUNST- UND KULTURPROJEKTIONEN



UNIVERSITÄT  
BAYREUTH

IWALEWAHAUS  
Afrikazentrum der Universität Bayreuth